

DO CORPO E DA LITERATURA: UMA APROXIMAÇÃO À POÉTICA DA RESISTÊNCIA EM HOMI K. BHABHA

Rebecca Monteiro*

RESUMO:

Estudo sobre a estratégia de resistência que orienta a atividade crítica de Homi Bhabha. Entre as ferramentas conceituais que articulam essa resistência, destacaremos a questão da mímica. Para que melhor se demonstre seu funcionamento, será avaliada sua utilização por duas dimensões discursivas: o corpo e a literatura.

PALAVRAS-CHAVE: *Homi Bhabha, mímica, resistência, corpo, ambivalência.*

Sem dúvida, o deslizamento da *atividade* teórica de Homi K. Bhabha é perturbador. Sua crítica apresenta, de imediato, uma disposição insistentemente febril, cuja atividade contínua desloca, de forma persistente, nossas categorias conceituais. Essa perturbação, no entanto, não é negativa, mas sim instigante. É imperioso *lutar* no interior da composição textual do crítico indiano, não apenas porque esse caráter de "conflito" e de guerra aberta atravessa seu texto em todas as direções, mas porque, a cada nova leitura, seu discurso híbrido e fronteiriço amplia ainda mais sua disposição demolidora. Sua crítica é, enfim, uma prática de *insubordinação* e sobretudo de *infidelidade* que a cada nova leitura se afirma como uma *prática de resistência*. Essa estratégia de resistência orienta a argumentação do autor de maneira decisiva, e é inclusive seu princípio operativo mais forte. Esse estudo não pretende ser mais do que a avaliação dessa *resistência*, principalmente no que diz respeito a seu funcionamento.

Várias ferramentas conceituais e discursivas articulam e operacionalizam essa resistência, mas nós nos concentraremos, mais sistematicamente, na questão da

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2002.

mímica. Para melhor demonstrar o funcionamento dessa atividade de resistência anti-sistêmica que é a mímica, nós tentaremos avaliar sua utilização por dois "corpos" diferentes: o corpo do homem, fisicamente falando, e sua "representação" literária, ou seja, o corpo textual. Assim, trabalharemos corpo e literatura como dimensões de confronto, como categorias de leitura, não só da obra de Bhabha como também da literatura. Como o tema do corpo, embora sutil, é recorrente em Bhabha, sendo usado em termos literários, políticos e físicos, nós o escolhemos. Além disso, sabemos que só se entra num espaço, textual ou não, de posse desse íntimo inimigo, o que mostra cabalmente as profundas ligações do corpo com a literatura e com a política. Finalmente, (para abusar um pouco mais da metáfora da guerra), lembramos que a principal arma nas batalhas é o próprio corpo, justamente por ser também o principal alvo. Naquela força e nessa fragilidade é que encontramos a ambigüidade necessária e imprescindível à nossa decisão de levar corpo e literatura a combate.

O primeiro ato desse combate quer destacar a *infidelidade* da teoria crítica de Bhabha para com a literatura dita *representativa*. Em outras palavras, nosso interesse principal é, a partir de Bhabha, desfigurar a metáfora da literatura-espelho. No caso da literatura, pelo menos historicamente, os valores sempre circularam em torno da oposição modelo/cópia ou *physis/mimesis*. A partir de Derrida, sabemos que o conceito de *mimesis* sempre reforçou o valor de verdade como *posição*, uma vez que sempre foi comandado pela hierarquia entre imitante e imitado. É mais verdadeiro aquilo que está mais próximo da essência, *do que é do ente*¹. Quanto mais bem posicionado (quanto mais perto da origem) melhor.

Assim, se chamarmos o corpo físico do homem de real, de concreto, o seu duplo textual, a *representação* literária do corpo, torna-se imediatamente real, ou imaginária. Mas o problema começa justamente quando se chama o corpo real de verdadeiro e o corpo imaginário de falso. O corpo concreto torna-se não apenas *diferente* do corpo abstrato, mas também *superior*, melhor. Ora, toda oposição descamba numa hierarquia e é esse posicionamento hierárquico que, a partir de Bhabha e Derrida, queremos afastar². Reduzir o corpo humano a um artefato concreto, real, cuja essência é desconhecida, mas existe, é entender as coisas de forma muito simplória. No mesmo caminho, entender o corpo literário como uma imitação "falsa" do corpo humano "verdadeiro" é entender a literatura de forma pueril, além de destruir não apenas seu potencial criador como também seu potencial de *resistência ativa*.

O trabalho de resistência da literatura é justamente tentar tornar indiscerníveis as posições e indecíveis as identidades. A literatura é um caso-limite da produção mimética tanto porque confirma quanto porque põe em crise aquilo que constrói. Assim, concluímos que "copiar" um corpo "real" com o máximo de realismo possível, ou com o máximo de idealismo possível, são soluções provisórias para um problema que não existe. Não é disso que trata a literatura. A literatura dá a ver o duplo, a cópia, o substituto, justamente para questionar a integridade ontológica do "original". Ela questiona justamente a existência de um corpo humano puro, original, perfeito.

No entanto, como toda a nossa tradição metafísica recalca o desejo por uma essência original para o corpo, percebemos o perigo que a literatura engendra continuamente. No caso do corpo do homem, enquanto os discursos da filosofia, da clínica e da químico-física e todo o arsenal narrativo das ciências humanas, da psicanálise à semiologia e da antropologia à história, foram tecidos ao longo e ao redor desse corpo para inventar para ele uma origem, um nome, uma identidade, uma aparência, a literatura realiza um trabalho de desapresentação, de defasagem, de rasura desse corpo, deslocando permanentemente as muitas formas de limitação a ele impostas.

Sabemos, a partir de Foucault, que posicionar e interpretar servem menos para conhecer o corpo do que para reconhecê-lo quando necessário³. Por isso o corpo humano está envolvido nessa *trama* de explicações, análises, respostas, opressões, retaliações. Embora físico e concreto, o corpo humano é atravessado por dimensões narrativas diversas, que o explicam, definem e constroem. Assim, o trabalho incansável da literatura é denunciar as narrativas que "inventam" uma origem e uma essência para o corpo. Essa denúncia é realizada, no entanto, utilizando as mesmas armas, ou seja, *inventando* corpos literários. A "falsidade" desses corpos ameaçando continuamente revelar a constituição narrativa (portanto também aparente) dos corpos que se dizem "reais".

A essa altura já nos é possível afirmar que a incomensurável atividade do corpo em direção à sua constituição identitária (e aqui poderíamos também dizer física, tão indeligiáveis são essas dimensões) se dá como rastro narrativo, como sobrevivência compulsória, como descontinuidade. Em outras palavras, a construção

do corpo físico do homem acontece como sobrevivência desse corpo no combate com os muitos discursos que o constituem. No interior da literatura e no interior do corpo, então, a questão da *identidade* deixa de ser uma aspiração a um modo verdadeiro ou *essencial* de ser, para ser compreendida, como Bhabha pretende, como negociação.

Nesse ponto, se apresenta o segundo ato do nosso combate discursivo. Se a literatura trabalha no sentido de defasar a oposição *verdadeiro/falso*, como isso é feito? Aí entra a questão da mímica. Diferente da mimesis, que copia o que existe, a mímica nos lança irremediavelmente para a estranha suplementaridade da criação do que já existe. Mais ardilosa e ao mesmo tempo mais honesta, a mímica admite que "toda a questão está em saber profundamente como imitar, pois quando a imitação é *original* ela é a nossa experiência" (Lispector, s/d: p. 288), para usar as palavras de Clarice Lispector. Ora, o original pode ser uma imitação? A imitação pode ser original? Essas questões nos fazem perceber que a mímica funciona basicamente como *ambivalência*. Essa ambivalência se verifica porque o discurso é construído a partir de uma demanda obsessiva por uma identidade plena e original. No entanto, as contínuas averbações que a alteridade (o outro) realiza nessa demanda de totalidade, frustram o corpo do discurso continuamente.

A forma de diferença que é a mímica é descrita por Bhabha principalmente como um olhar que é *parcial e duplo* simultaneamente. Isso encena o desejo que atravessa a mímica, que é "o desejo de um Outro reformado, reconhecível, como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente" (Bhabha, 1998: p. 130)⁴. Em outras palavras, poderíamos dizer que imitamos para nos tornar mais reais e nos tornamos mais reais porque imitamos. *Quase verdadeiros, mas não exatamente de verdade*: essa é a visibilidade que se pode aferir dos corpos literários, sejam eles personagem, narrador, enredo, *leitor, autor*. Ora, esse *quase* faz toda a diferença, uma vez que a mímica imita as formas de autoridade ao mesmo tempo em que as desautoriza, uma vez que rearticula a Presença em termos de sua alteridade, ou seja, tornando-a um arremedo exatamente daquilo que ela recusa, ou seja, o exterior, o outro (Bhabha, 1998: p. 137).

Podemos finalmente argumentar que a visibilidade do discurso literário se quer menos clara do que nublada, imprecisa, opaca. O corpo literário se quer

perturbado pela dimensão ambígua do *não exatamente* que articula o conceito de mímica em Bhabha: "uma diferença que é quase nada, mas não exatamente, [é o caso da mímica], [e] uma diferença que é quase total, mas não exatamente, [é o caso da ameaça]" (Bhabha, 1998: p. 138). Essa perturbação percorre estranhamente, segundo entendemos, tanto os corpos literários que são – na nossa mímica imperfeita de Bhabha – não exatamente/não reais, como o corpo físico do homem, que é não exatamente/não textual.

Por estar "tanto contra as regras quanto dentro delas" (Bhabha, 1998: p. 135), a mímica traz um potencial de resistência que nos interessa muito, por sua infidelidade, por sua subversão. É justamente a infidelidade da mímica que abre espaço para que o corpo resista às marcações identitárias remarcando e deslocando as coordenadas que lhe foram impostas, indo em direção ao que chamaremos de *não exatamente / O Outro*. Nessa ambivalência é que o corpo vai emergir como articulação móvel de posições, constituindo-se como invenção tradutória, como meio-termo não dialético, entre-(o)posições. Entender a constituição do sujeito político dessa forma, segundo Bhabha, vai nos levar a um entendimento menos maniqueísta da política (e do discurso) e, nesse ponto, chegamos ao terceiro ato de nosso combate. A partir da atividade de resistência da mímica, é possível deixar de desejar uma política da reconciliação, uma política de promessas simples e sentimentais de "um mundo do Você" humanista. Não estamos mais no campo do reconhecimento hegeliano. Em outras palavras, deixamos de desejar o consenso para articular nossas posições no dissenso, no conflito (Bhabha, 1998: p. 99-100).

Se a visibilidade da diferença é um ponto de identificação, mas também é um problema, é porque há sempre a ameaça de retorno do olhar que é olhado. Talvez por isso Bhabha ressalte que a ambigüidade do discurso da autoridade resulta da sua "*orientação como defesa*" (Bhabha, 1998: p. 124-125) contra esse retorno do olhar. Traduzindo para nossos termos, a ambigüidade do discurso do Pai, do discurso logocêntrico, é uma *estratégia de defesa* contra o corpo do Outro, contra o retorno do olhar do outro, ao mesmo tempo em que esse outro é desejado e existe como demanda, como objeto de desejo. Essa estratégia tem tudo a ver com a estratégia da mímica, que nunca termina de desvelar e nunca termina de esconder. A mímica produz corpos *quase visíveis*, nem claros, nem escuros. Esse processo incompleto e inquieto, esse lugar instável, também tem tudo a ver com a espacialidade móvel da literatura e com

o espaço ambivalente do corpo humano, sempre se deformando ao entrar em contato com outros corpos.

Então, quando Bhabha propõe um projeto de pensamento político não idealizante, não romantizante, continuamente confrontado com o estratégico e com o contingente, ele o faz redobrando as estratégias reativas do corpo humano sobre o corpo social e cultural. O que significa que a política "tem de *negociar* suas metas através de um reconhecimento de objetos diferenciais e níveis discursivos articulados não simplesmente como conteúdos, mas em sua *interpelação* como formas de sujeições textuais ou narrativas – sejam estas governamentais, judiciais, ou artísticas" (Bhabha, 1998: p. 103). O que em resumo significa compreender a política como *atividade* discursiva, interpelativa, agônica, teatral. No teatro da política, procedemos como mímicos, como animais discursivos, como corpos ativamente paranóicos onde resistir não é uma palavra de ordem: é uma palavra de desordem. Quanto à metáfora do teatro, é urgente destacar que o que nos interessa é sua visibilidade parcial, enganosa, mascarada. No teatro, as sombras são manipuladas. Na mímica, a própria representação é manipulada. Uma manipulação que orienta-se pela camuflagem⁵. Segundo Bhabha, a mímica oferece uma terceira escolha, um ardil discursivo que foge das opções ou/ou que orientam nossa cultura: *ou* um, *ou* outro; ou branco, ou negro; ou real, ou fantasia. A mímica oferece o *menos que um e duplo*, por isso é tão poderosa como "*modo de apropriação e de resistência*" (Bhabha, 1998: p. 174).

A literatura participa de forma ativa no processo de construção e constituição do homem, não apenas copiando-o, mas inventando-o, continuamente. Enquanto se reconhece a literatura como atividade de representação passiva, especular, a crítica literária repousa no campo da interpretação. No entanto, como é bastante lógico a partir de nossa argumentação até aqui, esse tipo de crítica não nos serve. Ou melhor, serve para demonstrarmos quão redutora pode ser uma análise baseada naquela literatura-espelho, já que a atividade literária, como a política, trabalha como resistência contínua e constrói-se diante, perante e ao longo dos discursos críticos que a posicionam e enquadram. Muitas vezes negando as posições, outras vezes aceitando-as e fazendo delas espaços de combate, a literatura frustra continuamente esse tipo de crítica que se quer decidida, intérprete.

Tudo isso nos leva a concluir que o último ato de nosso combate não é nem conclusivo nem definitivo, ou seja, não é um ato final. Poderíamos apenas dizer que o objetivo de cada empreendimento de leitura (inclusive este nosso) seria, enfim, resistir, e permanecer resistindo, à rede de interpretações que se oferece no interior dos textos do mundo. Percebemos assim que a *atividade* de escrita-leitura abre um espaço-tempo capaz de inscrever as interseções de tempo e lugar ambivalentes e efêmeras da experiência política. Essa atividade não reproduz a experiência, da mesma forma que também não a representa. A atividade de escrita-leitura é uma outra forma de experiência da política, que é *quase a mesma* experiência, mas não totalmente. Ela suplementa⁶ a atividade do corpo político, disseminando e duplicando essa experiência. Essa duplicação é, ao mesmo tempo, incompleta e excessiva, por isso a chamamos de mímica.

É impossível dizer onde acaba a ação política e onde começa a representação (a narrativa) política. Na verdade, o sentido de qualquer ação humana é dado *posteriormente* a ela, que, originalmente, é dupla, indecível, além do bem e do mal⁷. Esse espaçamento e essa temporalização permitem que uma mesma ação seja continuamente reproduzida segundo os mais variados valores e sentidos, sendo sempre enviada a ter um "sentido que nunca esteve, de fato, presente" (Derrida, 1971: p. 200). A escrita política é impensável sem uma vigilância e um fracasso dessa vigilância. O recalque e a resistência ao recalque. O sujeito político, portanto, é um corpo que resiste, *continuadamente*, a todos esses reenvios e apropriações, sendo a cada instante levado a representar ou a ser representado por determinada base política.

O corpo humano, ao ser atravessado pela mímica, torna-se mais narrativo e menos "físico". Já o corpo literário, uma vez compreendido como mímico e não como mimético, torna-se menos representativo, mais ambíguo e portanto, mais resistente. A partir de Bhabha, concluímos que essa resistência e essa ambigüidade ampliam as possibilidades de leitura de um texto e, portanto, podem orientar e inspirar a crítica literária contemporânea a trabalhar um pouco além da dialética, o que nos parece bastante produtivo. No entanto, se o corpo real e o corpo textual confundem continuamente seus limites e fronteiras conceituais, qualquer trabalho de aproximação

torna-se complexo, árduo, infinito. Aliás, essa primeira aproximação que realizamos, neste estudo, só foi possível porque a dificuldade de se entender a literatura com o corpo, e vice versa, abria um espaço de enfrentamento, de resistência, que não só nos era absolutamente interessante como era o motivo mesmo deste estudo. Em outras palavras, foi justamente a diferença radical entre eles que tornou possível o combate. O que não finaliza o combate, antes o anuncia permanente, evasivo e incansável.

Finalmente, podemos dizer que a narrativa do corpo pode (e deve) desobedecer à demanda por representatividade da tradição logocêntrica, assim como desobedece à demanda por totalidade. Levando as coisas ainda mais longe, podemos afirmar que a demanda por uma narrativa *representativa e verdadeira* nunca poderá ser senão mais uma ficção entre ficções, mais um arremedo entre arremedos, mais uma forma de loucura. Mais ainda, sabemos que quando um corpo (real ou textual) insiste em trabalhar sua flutuação, sua ambivalência e sua deficiência constitutivas, é porque percebeu a produtividade estratégica do meio, do quase, do não exatamente, do subterfúgio, do disfarce, de todas as formas do falso, da camuflagem, das sombras, do teatro.

Nesses lugares intermediários, nesses espaços terceiros, entre a pele e a letra, reside a continuidade do esforço de resistência às totalizações do mundo. Nessas arenas políticas, o homem não é nem o um, nem o outro e, por mais perigoso que isso seja, ele se configura como *intermezzo*. Como Heidegger observa, a partir da profunda compreensão grega, a fronteira não pode ser entendida como um lugar onde as coisas terminam, mas sim, como um lugar onde algo começa⁸. As fronteiras entre os homens são tão narrativas quanto as fronteiras entre os textos. Os limites são ambíguos, as conexões são inúmeras. Corpo e literatura são meios de resistência. São meios de aproximação. Um homem entre outros homens. Um texto entre outros textos. A literatura entendida como ponte. O corpo entendido como passagem.

NOTAS:

1. Cf. Derrida, 1972. p. 218: "L'imité est plus réel, plus essentiel, plus vrais, etc., que l'imitant. Il lui est antérieur et supérieur." Cf. Derrida, 1997: p. 89 e 101. Derrida, 1971: p. 125.
2. A barra rígida entre opostos como essência/aparência, original/cópia põe em relevo o caráter violento e hierárquico das oposições, onde "um dos termos opositivos sempre comanda o outro do alto" (Derrida, 1973: p. 57). É justamente pondo abaixo essa altura que uma das fases da desconstrução derridiana, a fase de inversão-tombamento-desarranjo (*renversement*) opera. A outra fase da desconstrução (que não é necessariamente posterior ao *renversement*) é o deslocamento, que vai transgredir o fechamento metafísico, movimentando as bases e verificando os recalques. Ambas as tarefas configuram um processo interminável que é duplo e ao mesmo tempo o mesmo. Para uma avaliação mais sintetizada confira Santiago, 1976: p. 17-19 e p. 76-77.
3. O que entendemos por *alma-essência* humana é *efeito* de um investimento analítico e *objeto* de dominação e observação. Cf. Foucault, 1987: p. 267.
4. Bhabha adapta aqui uma formulação de Weber sobre a visão marginalizante da castração. Cf. Weber, Samuel. "The sideshow, or: remarks on a canny moment." *Modern Language Notes*, v. 88, n. 6, p. 112, 1973.
5. Lacan concebe a camuflagem como um dos efeitos principais da mímica. Segundo ele, "não se trata de se harmonizar com o fundo, mas contra um fundo mosqueado, ser também mosqueado". Lacan, J. *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis*. Trad. A. Sheridan. New York: Norton, 1978. p. 99. J.A. Miller (Ed.). Apud: Bhabha, 1998: p. 174.
6. Bhabha transporta os conceitos derridianos de disseminação e *suplemento* para o campo da política a fim de demonstrar sua temporalidade híbrida. O *suplemento* é um algo a mais que contesta os termos e territórios: sinais de adição que compensam subtrações na origem (Bhabha, 1998: p. 219). Se o suplemento é um excesso que vai suprir uma falta, isso não nos diz principalmente da impossibilidade de totalização da narrativa? Essa impossibilidade se explica não porque a totalidade do que existe não possa ser empiricamente abarcada por um indivíduo, mas porque "o jogo de que se compõe a finitude do texto enquanto tecido de rastros, permite substituições infinitas" (Derrida, 1971: p. 244-245).
7. Pode-se abrir um pequeno parêntese para lembrar os pontos de contato da teoria da relação de forças de Nietzsche com tudo isso que estamos falando. Para o filósofo, "as utilidades são apenas indícios de que uma vontade de poder se assenhorou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função". Na interação com outras forças, uma força resultante, rastro de apropriações e conflitos anteriormente operados, passa a comandar, provisoriamente, o sentido que esse corpo terá. Assim é que o corpo físico é campo de forças e força atuando num campo. Seu sentido, é dado por uma *atividade* liminar e contínua, nunca estando, de fato, presente.
8. Heidegger, Martin. *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper & Row, 1971. Building, dwelling, thinking, p. 152-153. apud: Bhabha, 1998: p. 19.

ABSTRACT:

This is a debate on the strategy of resistance which guides the critical work of Homi Bhabha. Although this resistance is articulated through many concepts, this work will mainly deal with the issue of mimicry. In order to demonstrate the process of mimicry, two discursive dimensions will be investigated here: body and literature.

KEY WORDS: *Homi Bhabha, mimicry, resistance, body, ambivalence.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lima Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. Revisão Mary A. L. de Barros. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- _____. *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972.
- _____. *Positions: entretiens*. Paris: Minuit, 1973.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir; história da violência nas prisões*. Trad. Lígia Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: um escrito polêmico*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SANTIAGO, Silviano (Org.) *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.